



EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA REDE FEDERAL EM TEMPOS PÓS-PÂNDEMICOS E DE REFORMAS NEOLIBERAIS

SCHOOL PHYSICAL EDUCATION IN THE FEDERAL NETWORK IN POST-PANDEMIC TIMES AND NEOLIBERAL REFORMS

LA EDUCACIÓN FÍSICA ESCOLAR EN LA RED FEDERAL EN TIEMPOS POST PANDEMIA Y REFORMAS NEOLIBERALES


Daniel Teixeira Maldonado


<https://orcid.org/0000-0002-0420-6490> 

<http://lattes.cnpq.br/5911977104843227> 

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (Jacareí, SP – Brasil)
danielmaldonado@yahoo.com.br

Larissa Beraldo Kawashima

<https://orcid.org/0000-0002-2613-9647> 

<http://lattes.cnpq.br/7049292211666474> 

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (Cuiabá, MT – Brasil)
larissa.kawashima@ifmt.edu.br

Resumo

Este texto tem o objetivo de analisar experiências político-pedagógicas realizadas nas aulas de Educação Física Escolar durante a pandemia e reformas educativas neoliberais em escolas da rede federal, na perspectiva de refletir sobre o que podemos aprender com esses projetos educativos ao final desse momento de ensino remoto emergencial e Ensino Médio reformado. Foram selecionados 15 textos publicados no ano de 2021, para a análise temática, que foram divididos em três temas: problematização da saúde de forma ampliada; diversidade cultural das práticas corporais; e tematização de diversificadas manifestações da cultura corporal com múltiplas atividades de ensino. As experiências destacadas indicaram avanços em relação ao ensino do componente curricular, evidenciando a superação não apenas dos conhecimentos centrados no "saber fazer", mas apontando para o aprofundamento da relação entre as práticas corporais e os temas de relevância social. Defendemos essa realidade como função social do componente curricular no pós-pandemia.

Palavras-chave: Ensino Remoto; Pós-Pandemia; Educação Física; Ensino Médio.

Abstract

This text aims to analyze political-pedagogical experiences carried out in School Physical Education classes during the pandemic and neoliberal educational reforms in federal schools, with a view to reflecting on what we can learn from these educational projects at the end of this teaching moment. emergency remote and reformed high school. Fifteen texts published in 2021 were selected for thematic analysis, which were divided into three themes: problematization of health in an expanded way; cultural diversity of bodily practices; and thematization of diverse manifestations of body culture with multiple teaching activities. The highlighted experiences indicated advances in relation to the teaching of the curricular component, evidencing the overcoming not only of knowledge centered on "know-how", but pointing to the deepening of the relationship between body practices and themes of social relevance. We defend this reality as a social function of the curricular component in the post-pandemic.

Keywords: Remote Teaching; Post-Pandemic; Physical Education; High School.

Resumen

Este texto tiene como objetivo analizar las experiencias político-pedagógicas realizadas en las clases de Educación Física durante la pandemia y las reformas educativas neoliberales en las escuelas federales, con miras a reflexionar sobre lo que podemos aprender de estos proyectos educativos al final de este momento de enseñanza a distancia de emergencia. y bachillerato reformado. Quince textos publicados en 2021 fueron seleccionados para el análisis



temático, que fueron divididos en tres temas: problematización de la salud de forma ampliada; diversidad cultural de prácticas corporales; y tematización de diversas manifestaciones de la cultura corporal con múltiples actividades didácticas. Las experiencias destacadas indicaron avances en relación a la enseñanza del componente curricular, evidenciando la superación no sólo de saberes centrados en el "saber hacer", sino apuntando a la profundización de la relación entre prácticas corporales y temas de relevancia social. Defendemos esta realidad como una función social del componente curricular en la pospandemia.

Palabras clave: Enseñanza a Distancia; Pospandemia; Educación Física; Escuela Secundaria.

INTRODUÇÃO

Desde o início da pandemia de COVID-19 no Brasil, a maioria das redes de ensino do território nacional passou por um período com aulas remotas. Em cada contexto educacional, professores(as) e estudantes organizaram projetos educativos de formas diferentes. Além disso, sabemos das dificuldades que muitos docentes e discentes tiveram com a utilização das tecnologias educacionais para organizar e participar das aulas remotas, seja por conta das limitações de acesso devido a questões financeiras ou pela forma abrupta de transposição do ensino presencial para o remoto, sem o devido processo de formação continuada que deveria ter ocorrido.

Especificamente sobre as aulas de Educação Física Escolar, esse debate foi intenso nos últimos dois anos, principalmente pelo "caráter essencialmente prático" do componente curricular, que ainda continua sendo defendido por educadores(as) e pesquisadores(as) da área. Em contrapartida, a literatura especializada produziu reflexões importantes e pertinentes para se pensar sobre a função social da Educação Física na Educação Básica.

Destacamos os estudos de Belmonte e colaboradores (2020) que compreenderam o panorama, desafios e enfrentamentos curriculares da Educação Física em escolas do Rio Grande do Sul, Godoi e colaboradores (2021) que problematizaram as reinvenções que os(as) docentes realizaram em suas práticas político-pedagógicas nesse período na rede pública de Cuiabá, MT e Miragem e Almeida (2021) que refletiram sobre as potencialidades e limitações da Educação Física no ensino remoto em tempos de pandemia na efetivação de uma práxis pedagógica em que os(as) docentes são considerados atores do processo educativo.

Nesse bojo, docentes de Educação Física passaram a publicar experiências pedagógicas críticas e reflexivas realizadas nesse contexto histórico. Oliveira e Mendes (2021) produziram *podcasts* sobre a temática de racismo no esporte com estudantes do Ensino Fundamental em uma escola do interior de Minas Gerais, França e Gomes (2021) problematizaram os jogos e brincadeiras tradicionais em uma escola de Juiz de Fora, MG e



Bonfietti e Prodócimo (2021) narraram uma experiência político-pedagógica que se contrapõe ao ensino bancário e padronizador, que tomou conta de muitas redes de ensino durante esse período de isolamento social nas aulas de Educação Física em uma escola pública do interior de São Paulo.

Destarte, um conjunto de reformas educativas neoliberais se intensificaram nesse momento de pandemia (LIMA; HYPOLITO, 2019; MOTTA; FRIGOTTO, 2017; OLIVEIRA, 2020), atingindo principalmente os currículos do Ensino Médio brasileiro, onde atuam os professores e as professoras das escolas que fazem parte da rede federal.

Assim, surge a pergunta que embasou a produção desse artigo: como foram organizadas as aulas de Educação Física nas escolas da rede federal de ensino em tempos de pandemia e de reformas neoliberais? O que podemos aprender com essas experiências para o momento em que as atividades de ensino voltarem a ser presenciais?

O objetivo desse estudo foi analisar experiências político-pedagógicas realizadas nas aulas de Educação Física Escolar durante a pandemia e reformas educativas neoliberais em escolas da rede federal, na perspectiva de refletir sobre o que podemos aprender com esses projetos educativos ao final desse momento de ensino remoto emergencial e Ensino Médio reformado.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Foram selecionados 15 textos, sendo 10 deles capítulos de livros, que foram encontrados em duas obras que versavam especificamente sobre a Educação Física na rede federal (Educação física no ensino médio integrado da rede federal: compartilhando experiências; e A educação física no Instituto Federal de Minas Gerais: experiências docentes em tempos de pandemia) e cinco artigos científicos, publicados no ano de 2021, em cinco periódicos (Motrivivência, Temas em educação física escolar, Caderno de educação física e esporte, Revista de educação física, saúde e esporte e Saúde e sociedade). Todos os artigos disponibilizados em 2021 pelas respectivas revistas foram analisados. Elas foram escolhidas pela característica de disseminar conhecimentos relacionados com relatos de experiência. Também foi realizada a análise nos Cadernos de Formação RBCE, mas nenhum texto com essa característica foi encontrado.



Todo o material empírico foi formado por projetos político-pedagógicos realizados nas aulas de Educação Física no Ensino Médio durante o ensino remoto nas escolas da rede federal, com a perspectiva de superar o paradigma biologizante e mecanicista que se fortaleceu em muitos contextos educacionais durante a pandemia.

Utilizamos as seis fases da análise temática nessa pesquisa, como sugerido por Braun e Clarke (2006), para analisar o material empírico. Na fase 1, passamos a nos familiarizar com os dados, mergulhando no material com a intencionalidade de alcançar com profundidade e amplitude o conteúdo. Na fase 2, produzimos códigos iniciais a partir dos dados. Foi por meio desses códigos que identificamos temas relacionados com as experiências político-pedagógicas realizadas nas aulas de Educação Física na rede federal em tempos de pandemia e reformas educativas neoliberais. Ao iniciar a construção dos temas, entramos na fase 3 da análise temática, que se efetivou quando todos os códigos foram codificados e agrupados no conjunto dos dados. Durante a fase 4, revisamos os temas e os extratos codificados, produzindo um refinamento da análise temática. Assim, entramos na fase 5 com a definição e denominação de três tópicos para a discussão, sendo eles: a problematização da saúde de forma ampliada; a questão da diversidade cultural das danças, esportes, ginásticas, lutas, jogos e brincadeiras; e a tematização de práticas corporais, possibilitando vivências e reflexões para conhecer, de forma mais aprofundada, sobre essas manifestações culturais.

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA PANDEMIA EM ESCOLAS DA REDE FEDERAL

O primeiro tema identificado sobre as experiências político-pedagógicas realizadas nas aulas de Educação Física em escolas da rede federal foi a problematização da saúde de forma ampliada, sendo realizadas em cinco projetos de ensino, que serão descritos a seguir.

Maldonado e Razzé (2021) apresentaram dois relatos de experiências que foram vivenciados por um professor e uma professora de Educação Física que lecionam no campus São Paulo do Instituto Federal. Tais projetos educativos foram efetivados no primeiro semestre de 2020 e que, por conta da pandemia que se instalou no Brasil nesse período, tiveram que ser realizados de forma remota. A promoção da saúde, a integração curricular e o trabalho como princípio educativo foram os principais temas abordados nas aulas, que foram organizadas na perspectiva de fortalecer a importância do componente curricular para a formação integral, humana e crítica dos(das) jovens. Nesse contexto, saberes relacionados aos aspectos políticos, econômicos e sociais sobre a qualidade de vida da população foram



problematizados com os(as) estudantes em um projeto, enquanto no outro os alunos e as alunas produziram aplicativos sobre temas que se relacionavam com as práticas corporais, o corpo e a saúde.

Ramos (2021) relatou um projeto pedagógico que teve por objetivo mostrar como foi desenvolvida a disciplina Educação Física para o segundo ano dos cursos técnicos em Administração, Agropecuária, Informática e Manutenção Automotiva integrados ao Ensino Médio do Instituto Federal de Minas Gerais, campus Bambuí, no período de agosto de 2020 a abril de 2021, em aulas remotas. Para problematizar de forma crítica e ampliada a temática da saúde, a professora abordou com os(as) jovens diversos saberes relacionados com a qualidade de vida, nutrição e gasto energético, saúde mental e lazer, autoestima e autoconfiança corporal, a utilização de anabolizantes no mundo esportivo e a relação das práticas corporais com a sociedade, enfatizando problemáticas sobre a inclusão de pessoas com deficiência nas modalidades esportivas e a discriminação existente entre as pessoas que vivenciam os gestos das manifestações da cultura corporal.

Araújo e Maldonado (2021) apresentaram uma experiência que teve como objetivo problematizar temas relacionados com a saúde nas aulas de Educação Física com uma turma de 2º ano do curso de Eletrônica integrado ao Ensino Médio, no primeiro semestre de 2021, durante o ensino remoto emergencial, no campus São Paulo do Instituto Federal. A partir da produção pautada nas Ciências Humanas, foram debatidos com os(as) discentes artigos científicos que abordavam três temas geradores, tais como “corpo, saúde e padrões de beleza”, “esporte, atividade física e saúde” e “saúde, condições socioeconômicas, envelhecimento e diversidade”, rompendo a relação mecanicista entre exercício e qualidade de vida, que aposta em uma visão ingênua que melhorar a aptidão física dos jovens e ensinar temas relacionados com uma suposta alimentação saudável seria a função social do componente curricular na Educação Básica. A autora e o autor evidenciaram que esse projeto educativo problematizou uma ecologia de saberes contra hegemônicos sobre a saúde, na intencionalidade de ampliar a leitura de mundo dos(das) estudantes, buscar a sua conscientização e a formação da cidadania em tempos líquidos, de avanço das políticas neoliberais e da individualização da vida.

Silva, Germano e Meneses (2021) publicaram um relato de experiência de professores do Colégio Pedro II, instituição Federal localizada no Rio de Janeiro, no ano letivo de 2020, que teve como objetivo descrever a abordagem do tema “saúde ampliada” nas aulas



de Educação Física escolar do Ensino Médio de forma remota, dentro de um contexto pandêmico. Durante o projeto educativo, buscou-se utilizar de diferentes propostas didáticas, aproximadas da realidade do(a) estudante, desconstruindo o conceito de saúde como ausência de doenças. Nesse contexto, temas como “corpo, saúde e estética”, “estética, gordofobia e saúde”, saúde e racismo”, e “saúde mental e práticas holísticas” foram problematizados com os(as) jovens, considerando tanto a dimensão subjetiva dos sujeitos quanto a importância dos fatores socioambientais relacionadas com o tema da saúde.

Godoi, Novelli e Kawashima (2021) dissertaram sobre um projeto educativo desenvolvido com turmas do 1º ano do Ensino Médio integrado ao curso técnico em Eventos, do Instituto Federal de Mato Grosso no âmbito da disciplina Educação Física, durante a pandemia da COVID-19. As atividades de ensino propostas estavam relacionadas com a pergunta “O que podem os corpos em tempos de pandemia?” e se inspirou nos estudos culturais e no multiculturalismo, abordando os seguintes temas: conceitos de saúde; dicas para manter a saúde física e mental durante a pandemia; vulnerabilidades de indígenas, negros, mulheres e população LGBTQIA+ na pandemia e imagem corporal. Ao finalizar as aulas, o autor e as autoras concluíram que o projeto abordou temas sociais relevantes, promoveu uma maior utilização das tecnologias digitais no processo de ensino-aprendizagem, bem como estimulou a produção cultural dos(das) estudantes.

Destacamos que as atividades de ensino relatadas nas experiências descritas anteriormente, problematizaram saberes sobre a saúde e qualidade de vida da população, durante um período pandêmico, superando o paradigma da aptidão física, em que as aulas do componente curricular possuem como função social melhorar as capacidades físicas e neuromotoras dos(das) educandos(as). Além disso, o ensino técnico-instrumental tão mencionado nesse momento histórico, em que os(as) estudantes copiam os movimentos realizados pelo(a) docente na tela do computador, passou longe de ser efetivado.

Autoras e autores como Carvalho (2005), Soares (2012) e Daolio (2015) mostraram que, por conta do aporte teórico das Ciências Naturais, os currículos da Educação Física Escolar costumam organizar os saberes que serão desenvolvidos com os(as) estudantes de acordo com as características biológicas humanas ou nas fases do desenvolvimento motor, reduzindo o processo saúde-doença a uma relação causal determinada biologicamente, que desconsidera a história da sociedade, e que tende a responsabilizar, única e exclusivamente, o indivíduo pela sua condição de vida, reproduzindo os ditames das sociedades capitalistas.



Ampliando esse debate, Araújo e colaboradores (2020) explicam essa realidade mencionando que a Educação Física buscou legitimidade social demonstrando cientificamente a sua importância para a saúde da população, vinculando um forte discurso que o exercício físico precisa ser considerado um dos remédios mais eficazes contra toda e qualquer forma de doença, colocando em evidência uma visão epistemológica normativa de saúde e qualidade de vida.

Em diálogo com Mantovani, Maldonado e Freire (2021), ressaltamos que o foco dos estudos sobre saúde na Educação Física Escolar esteve, por muito tempo, nos conhecimentos relacionados com as implicações biológicas do exercício físico, reforçando uma visão reducionista e instrumental dessa temática, na qual as aulas do componente curricular são utilizadas para desenvolver a aptidão física e um padrão de vida saudável nos(as) alunos(as). Todavia, uma visão mais ampliada sobre esse tema começa a surgir na literatura da área e a se concretizar na escola, como nas experiências realizadas na rede federal de ensino durante a pandemia, possibilitando que os professores e as professoras reflitam sobre formas de problematizar a temática a partir da fundamentação teórica produzida pela promoção da saúde.

Indo ao encontro da defesa realizada por Bonetto (2020), enfatizamos que abordar a saúde nas aulas de Educação Física significa também problematizar a temática a partir dos olhos de quem foi colonizado, dos olhos periféricos, olhos queer, trans, negros, imigrantes, indígenas, bem como de todos aqueles e aquelas que em nenhum momento foram incluídos no debate tradicional da saúde pública. Dessa forma, conseguimos observar esse avanço epistemológico nos projetos educativos organizados pelos professores e pelas professoras do componente curricular que lecionam na rede federal de ensino.

Outra questão que nos chama a atenção é que os marcadores sociais de classe, gênero e raça que atravessam a sociedade contemporânea apareceram de forma consistente nas reflexões sobre saúde organizadas nessas experiências, reforçando que a cultura das práticas corporais se tornou o objeto de estudo da área de Educação Física Escolar, aproximando esses projetos educativos dos fundamentos epistemológicos dos currículos críticos (CASTELLANI FILHO et al., 2009; KUNZ, 2004) e pós-críticos (NEIRA, 2018a) do componente curricular.

Nesse contexto, surge a segunda temática muito debatida nas aulas de Educação Física em tempos pandêmicos nas escolas da rede federal. A questão da diversidade cultural



das danças, esportes, ginásticas, lutas, jogos e brincadeiras foi intensamente problematizada nessas práticas corporais, como podemos observar nos relatos descritos a partir desse momento.

Sá (2021) descreveu uma experiência de ensino com seis turmas do primeiro ano do Ensino Médio integrado, desenvolvida no campus Betim do Instituto Federal de Minas Gerais no ensino remoto emergencial. A proposta curricular de Educação Física apresentou a cultura corporal de movimento como seu objeto de estudo, contemplou as diversas práticas corporais nos planos de ensino, abordou as relações étnico-raciais como uma das dimensões de estudo de tais práticas e se comprometeu com a valorização dos conhecimentos pertencentes aos grupos não hegemônicos, a fim de que os alunos e as alunas pudessem compreender e validar a diversidade das práticas corporais. A experiência relatada se orienta numa pedagogia antirracista e decolonial, que busca reconhecer os saberes dos(das) educandos(as) e os saberes de diversas culturas, entre as quais se destacam as africanas e indígenas, abordadas na unidade "Jogos, brinquedos e brincadeiras".

Ainda com essa temática, Costa (2021) desenvolveu um projeto educativo problematizando sobre os jogos, brinquedos e brincadeiras como um dos blocos de conteúdos replanejados no formato de atividades não presenciais no 1º semestre de 2020 com os(as) estudantes do Ensino Médio integrado em Edificações e Informática do Instituto Federal do Mato Grosso do Sul. As atividades foram propostas e desenvolvidas via ambiente virtual de ensino e aprendizagem. A autora menciona que o desenvolvimento das aulas possibilitou uma maior aproximação entre os(as) estudantes, sobretudo, entre eles e seus familiares, já que todos e todas tiveram que realizar entrevistas e vivências com pessoas da sua família para problematizar os aspectos sociais dessas práticas corporais.

Tavares (2021) apresentou um relato de experiência das aulas de Educação Física no Instituto Federal de Minas Gerais, campus Ouro Branco a partir do trabalho com a unidade didática "Relações de Gênero nas aulas de Educação Física" e do Projeto Integrador "RONU – A Circularidade do Aprender", desenvolvido de forma conjunta com as professoras e professor da área de Linguagens. Estas experiências evidenciaram a importância da discussão das relações de raça, gênero e sexualidade a partir de uma abordagem interseccional, sendo organizada em unidades didáticas em diálogo com os seguintes temas: Educação Física e Práticas Corporais; Práticas Corporais Generificadas e Esportivização das Práticas Corporais.



Politto e Maldonado (2021) analisaram uma prática político-pedagógica realizada durante as aulas de Educação Física no Ensino Médio, a partir das ações educativas planejadas por um projeto de ensino, em tempos de pandemia. Nesse contexto, a autora e o autor relataram as disputas políticas que atravessaram os debates sobre a educação remota em tempos de pandemia no Instituto Federal de São Paulo, a caracterização de um projeto de ensino que possui como essência fundamentar uma pedagogia decolonial na Educação Física nesse ciclo de escolarização e o relato de uma experiência realizada nas aulas do componente curricular no ano letivo de 2020, em que foram problematizados os marcadores sociais de gênero, raça e classe que atravessam as práticas corporais com os(as) jovens.

Maldonado, Farias e Nogueira (2021) descreveram uma experiência político-pedagógica durante as aulas de Educação Física com estudantes do 1º ano do curso de Eletrônica integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal de São Paulo – campus São Paulo, entre os meses de agosto e dezembro de 2020. Durante o projeto, os(as) educandos(as) realizaram uma leitura crítica do mundo sobre os saberes contra hegemônicos sociais, políticos, econômicos, históricos, biológicos e fisiológicos que se relacionam com as práticas corporais e o corpo, produzidos pela literatura científica e movimentos sociais. Os autores e a autora finalizam o texto mencionando que foi possível defender que a função social das aulas de Educação Física está relacionada com a leitura crítica do mundo dos saberes produzidos sobre as danças, lutas, esportes, ginásticas, jogos e brincadeiras.

Dialogando com as experiências pedagógicas apresentadas nesse artigo, em um recente estudo publicado por Ferreira e colaboradores (2021), professores(as) pesquisadores(as) que lecionam em dois Institutos Federais do Estado de Minas Gerais produziram narrativas sobre as suas aulas de Educação Física no período pandêmico, demonstrando que os(as) jovens do Ensino Médio vivenciaram e refletiram sobre diversos temas da cultura corporal, principalmente aqueles saberes relacionados com a saúde em um formato ampliado e os aspectos sociais e culturais das práticas corporais.

Dessa forma, ao analisar esses projetos educativos, dialogamos com Neira (2018b) para mencionar que os estudos curriculares contemporâneos compreendem que a educação a favor das diferenças é um caminho sem volta, já que pode ser considerada a alternativa mais razoável para produzir uma sociedade menos desigual. Nesse contexto, o debate curricular da Educação Física também avançou nesse caminho, principalmente em tempos em que as políticas educativas neoliberais ganham espaço nas escolas brasileiras.



Dessa forma, as experiências aqui narradas contribuem na utopia de construir, de forma coletiva, uma escola em que as diferenças de gênero, raça, etnia, religião, geração, etc. possam ser efetivamente valorizadas, potencializando os valores de uma sociedade multicultural e intercultural, sem perder de vista as abissais desigualdades socioeconômicas existentes no território brasileiro. Portanto, a luta e maior reivindicação desses educadores e dessas educadoras de Educação Física é a construção de um mundo equitativo, justo e diverso, em que o *modus operandi* do neoliberalismo possa ser transformando em outro sistema político-econômico (MALDONADO; SILVA; MARTINS, 2022).

Ao abordar os diversos marcadores socioculturais que atravessam as práticas corporais durante as aulas de Educação Física, os(as) docentes do componente curricular potencializam a formação de um sujeito emancipado, crítico e solidário com as demandas contemporâneas, construindo a possibilidade de uma educação que tenha como maior objetivo a luta pela justiça social (MALDONADO; SILVA; MARTINS, 2022).

Por fim, chegamos ao terceiro tema dessa análise. Um grupo de professores e professoras de Educação Física que lecionam em escolas da rede federal tematizaram uma variedade de práticas corporais em suas aulas, possibilitando que os(as) educandos(as) realizassem vivências e reflexões para conhecer, de forma mais aprofundada, sobre essas manifestações culturais. Essa realidade pode ser observada nas experiências produzidas por Fernandes (2021), Gomes (2021), Magalhães Júnior (2021), Meurer e Silva (2021) e Venâncio (2021) em diferentes campus do Instituto Federal de Minas Gerais, onde os esportes coletivos e de aventura, os jogos e brincadeiras, as danças, as lutas, as ginásticas e as expressões rítmicas foram desenvolvidas a partir de diversificadas atividades de ensino remotas, tais como produções de vídeos pelos(as) jovens com gestos dessas manifestações da cultura corporal, análise de textos e de filmes, apresentação de trabalhos, debates em aulas síncronas e atividades diversas em ambientes virtuais de aprendizagem realizadas de forma assíncrona.

Essas práticas político-pedagógicas apresentaram como essência um planejamento que amplia o acesso de saberes pelos(as) estudantes sobre as manifestações da cultura corporal, cujo objetivo já era comum antes do momento pandêmico, como foi demonstrado por Souza e Benites (2021), que analisaram as dissertações e teses publicadas no Brasil sobre a Educação Física nos cursos de educação profissional e tecnológica de nível médio na modalidade integrada. Nesse contexto, destacamos que uma nova tradição já estava sendo



produzida pelos(as) docentes do componente curricular que atuam na rede federal antes da pandemia se ampliar no território brasileiro.

Destacamos que a diversificação das manifestações da cultura corporal tematizadas nas aulas é uma defesa realizada por muitos(as) pesquisadores(as) da Educação Física desde a organização do movimento renovador da área na década de 1980 (BETTI, 2011; BRACHT, 2011). Além disso, efetivar projetos educativos com atividades de ensino que envolvam linguagens diversificadas de temas relacionados com as práticas corporais pode ser considerado um avanço da área já estabelecido pela literatura (MALDONADO, et al., 2020).

Após essa análise dessas experiências, nos perguntamos como podemos pensar na Educação Física na escola no pós-pandemia a partir do avanço epistemológico produzido nesse momento histórico?

EDUCAÇÃO FÍSICA NO PÓS-PANDEMIA EM UM ENSINO MÉDIO REFORMADO

A pandemia de Covid-19 trouxe mudanças profundas na educação, evidenciando lacunas na formação de professores em relação às tecnologias digitais e o abismo social entre a realidade institucional presencial e o ensino à distância. A súbita transposição do ensino presencial para a tela de um computador ou celular fez com que docentes e estudantes se distanciassem do convívio da sala de aula e adentrassem o mundo virtual e das redes sociais.

Todos tiveram que se adaptar à nova realidade. Os(As) docentes do componente curricular Educação Física tiveram que investir esforços para se conectar aos(às) alunos(as). O ensino precisou ser repensado! Os(As) professores(as) precisaram conhecer melhor o mundo em que os alunos transitavam virtualmente, e essa realidade passou a fazer parte das aulas de Educação Física!

Além das ferramentas digitais como computador, celular, conseqüentemente, câmeras para produção de imagens e vídeos, as redes sociais foram destaque nesse processo de ensino, em que muitos(as) professores(as) passaram a se utilizar delas como meio de comunicação com os(as) estudantes e/ou para tarefas, atividades e produção de conteúdos abertos para a comunidade em geral. A Educação Física transpôs o espaço da sala de aula/quadra e se abriu para o mundo, por meio de aulas *lives* com convidados externos à escola, até mesmo de outras cidades, estados e países, em diálogos com pesquisadores e até mesmo atletas renomados.



Esse é um caminho sem volta! Não há como pensar que com o retorno às atividades presenciais pós-pandemia simplesmente abandonaremos as tecnologias digitais, a internet, as redes sociais. Esse contexto deverá permanecer.

Além disso, as experiências compartilhadas por professores(as) de Educação Física durante a pandemia e destacadas nesse texto indicaram avanços em relação ao ensino do componente curricular, evidenciando a superação não apenas dos conhecimentos centrados no “saber fazer”, mas apontando para o aprofundamento da relação entre as práticas corporais e os temas de relevância social.

Tematizar as diversas práticas corporais com vivências e reflexões aprofundadas sobre elas, seja abordando o contexto histórico de uma dança específica, seja conhecendo um gesto técnico de determinada luta, por exemplo, só fará sentido para os(as) alunos(as) a partir da leitura crítica do mundo dos saberes produzidos sobre as danças, ginásticas, esportes, lutas, jogos, brincadeiras e práticas corporais de aventura.

Deste modo, o ensino remoto pode ter restringido as possibilidades de ensino dos conteúdos procedimentais, mas proporcionou o aprofundamento de discussões e reflexões sobre as práticas corporais, destacando a importância de interrelacionar sua diversidade cultural com a problematização de questões sociais, como relações de gênero, sexualidade, raça, entre outros temas sociais relevantes, como os retratados pelas diversas experiências realizadas na rede federal.

Todavia, precisamos mencionar que o contexto atual tem sido marcado por um viés ultraconservador e autoritário no âmbito das decisões governamentais e no campo políticas públicas educacionais. Atravessadas por essa crise ética, então, se implementa na formação docente, a partir da política governamental da Base Nacional Comum para Formação de Professores da Educação Básica (BNC-Formação e BNC-Formação Continuada), noções relacionadas aos direitos de aprendizagem, espectro de justiça e a responsabilização docente, em detrimento dos sentidos mais amplos do Direito à Educação (BARREIROS; DRUMMOND, 2021).

Para Barreiros e Drummond (2021), a articulação do discurso da aprendizagem, engajamento docente e os direitos de aprendizagem, marcam um viés que inferem à docência a responsabilidade nos resultados dos investimentos das políticas educacionais, que se constituem, nesse entender, suficientes para o enfrentamento dos problemas educacionais brasileiros. À formação - inicial ou continuada - dos professores e das professoras tem se



tornado, cada vez mais, a mera preparação para execução da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), assim como a responsabilização sobre os resultados da política ao corpo docente se intensificou.

Portanto, a implementação da BNCC, principalmente em um Ensino Médio reformado pelas políticas educativas neoliberais contemporâneas, consolida pelas vias educacionais, a operacionalização de uma racionalidade neoliberal da população brasileira. Em diálogo com Silva e Freitas (2020), apontamos que as práticas discursivas veiculadas pela BNCC objetivam produzir sujeitos que assimilarão os preceitos neoliberais como um modo de vida, empreendedores de si, aprendizes permanentes e competitivos, isolando toda e qualquer possibilidade de uma formação crítica e politizada da juventude brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desse estudo foi analisar experiências político-pedagógicas realizadas nas aulas de Educação Física Escolar durante a pandemia e reformas educativas neoliberais em escolas da rede federal, na perspectiva de refletir sobre o que podemos aprender com esses projetos educativos ao final desse momento de isolamento social, ensino remoto emergencial e um Ensino Médio reformado.

Dessa forma, demonstramos que os(as) docentes do componente curricular que lecionam em escolas federais organizaram projetos educativos que problematizaram temas relacionados com a saúde de forma ampliada e crítica, refletiram sobre a diversidade cultural que atravessa as manifestações da cultural corporal, analisando os marcadores sociais de raça, gênero, classe social e religião das danças, lutas, jogos, brincadeiras, esportes e ginásticas com os(as) jovens e diversificaram as práticas corporais tematizadas e as atividades de ensino desenvolvidas durante a pandemia.

Se por um lado os(as) docentes de Educação Física organizaram experiências político-pedagógicas que possibilitaram a leitura de mundo sobre as práticas corporais aos(as) jovens do Ensino Médio na pandemia, por outro viés o componente curricular vem sendo quase totalmente retirado de várias redes de ensino durante esse ciclo de escolarização, principalmente para “caber” no currículo disciplinas como projeto de vida e empreendedorismo, restando apenas a possibilidade de realizar atividades esportivas no contraturno para quem tiver interesse.



Nesse contexto, entendemos que o pós-pandemia será um período de muita resistência e luta para que os(as) professores(as) da rede federal continuem desenvolvendo experiências educacionais transformadoras com os(as) estudantes da classe trabalhadora, pois as reformas implementadas nesse momento histórico transformam os currículos desse ciclo de escolarização em um espaço de debate acrítico e tecnicista, na perspectiva de formar identidades saudáveis, vencedoras e competentes nos(nas) jovens que participam das aulas de Educação Física (NUNES; RÚBIO, 2008).

Portanto, defendemos que a manutenção das aulas de Educação Física no Ensino Médio depende da forma que os professores e as professoras irão produzir a função social do componente curricular nas escolas que atuam. Coletivamente, será preciso pensar em como os saberes relacionados com o objeto de estudo da área (as manifestações da cultural corporal) poderiam contribuir com os projetos interdisciplinares organizados pelas unidades escolares, com a intencionalidade de potencializar o debate sobre a relevância desses saberes para transformar a realidade das juventudes no Brasil.

Esperamos que esse artigo possa ser o início de uma reflexão coletiva pela permanência de uma Educação (Física) nas escolas brasileiras que resista aos ditames da política educacional vigente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Mauren Lúcia Braga e colaboradores. Educação física escolar e saúde: um contrato sólido em tempos líquidos. In: BOROWSKI, Eduardo Batista Von; MEDEIROS, Tiago Nunes; BOSSLE, Fabiano (Orgs.). **Por uma perspectiva crítica na educação física escolar**: ensaiando possibilidades. Curitiba, PR: CRV, 2020.

ARAÚJO, Mauren Lúcia Braga; MALDONADO, Daniel Teixeira. Educação cidadã e saúde na educação física escolar: a humanização em tempos líquidos. **Motrivivência**, v. 33, n. 64, p. 1-26, 2021.

BARREIROS, Débora Raquel Alves; DRUMMOND, Rosalva de Cassia Rita. Base Nacional Comum para a formação de professores da educação básica: em foco os jogos políticos e a responsabilização docente. **Currículo sem fronteiras**, v. 21, n. 3, p. 1313-1326, 2021.

BETTI, Mauro. O que se ensina e o que pode ser ensinado. A pedagogização dos conteúdos da educação física: tradição e renovação. **Salto para o futuro**, v. 21, n. 12, p. 21-28, 2011.



BONETTO, Pedro Xavier Russo. A perspectiva cultural da educação física e a temática da saúde. **Temas em educação física escolar**, v. 5, n. 2, p. 28-43, 2020.

BONFIETTI, Priscila Errerias; PRODÓCIMO, Elaine. Educação física escolar e o levantamento do universo temático em tempos de pandemia. **Revista brasileira de educação física escolar**, ed esp. p. 130-145, set., 2021.

BRACHT, Valter. Dilemas no cotidiano da educação física escolar: entre o desinvestimento e a inovação pedagógica. **Salto para o futuro**, v. 21, n. 12, p. 14-20, 2011.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative research in psychology**, v. 3, n. 2. p. 77-101. 2006.

CARVALHO, Yara Maria. Entre o biológico e o social: tensões no debate teórico acerca da saúde na educação física. **Motrivivência**, ano XVII, n. 24, p. 97-105, 2005.

CASTELLANI FILHO, Lino e colaboradores. **Metodologia de ensino da educação física**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

COSTA, Catia Silvana. Jogos, brinquedos e brincadeiras: conteúdos da cultura corporal de movimento no contexto do ensino médio integrado do IFMS. In: KAWASHIMA, Larissa Beraldo; GODOI, Marcos; MARTINS, Elias (Orgs.). **Educação física no ensino médio integrado da rede federal: compartilhando experiências**. Cuiabá, MT: EdUFMT Digital, 2021.

DAOLIO, Jocimar. Educação física e pesquisa sociocultural. In: STIGGER, Marco Paulo (Org.). **Educação física + humanas**. Campinas, SP: Autores Associados, 2015.

FERNANDES, Marcela de Melo. As aulas de educação física e o confinamento: formas de minimizar os impactos sociais – um relato de experiência. In: GOMES, Rodrigo de Oliveira; TAVARES, Marie Luce; SILVA, Adriana Bitencourt Reis (Orgs.). **A educação física no Instituto Federal de Minas Gerais: experiências docentes em tempos de pandemia**. Curitiba, PR: CRV, 2021.

FERREIRA, Heidi Jancer e colaboradores. E a educação física? Narrativas de professores-pesquisadores sobre as aulas remotas em Institutos Federais. **Movimento**, v. 27, e27070, 2021.

FRANÇA, Filipe Gabriel Ribeiro; GOMES, Luciana de Freitas. Educação física escolar em tempos de pandemia: o trabalho em uma escola com jogos e brincadeiras tradicionais durante o regime especial de atividades não presenciais na rede estadual de ensino de Minas Gerais. **Revista ponto de vista**, v. 1, n. 10, p. 1-9, 2021.

GODOI, Marcos; NOVELLI, Fabiula Isoton; KAWASHIMA, Larissa Beraldo. Educação física, saúde e multiculturalismo em tempos de COVID 19: uma experiência no ensino médio. **Saúde e sociedade**, v. 30, n. 3, e200888, 2021.



GODOI, Marcos e colaboradores. As práticas do ensino remoto emergencial de educação física em escolas públicas durante a pandemia de COVID 19: reinvenção e desigualdade. **Revista prática docente**, v. 6, n. 1, p. 1-21, 2021.

GOMES, Rodrigo de Oliveira. Reflexões sobre a educação física no IFMG campus Congonhas: tempo de pandemia e a experiência docente do entre-lugar. In: GOMES, Rodrigo de Oliveira; TAVARES, Marie Luce; SILVA, Adriana Bitencourt Reis (Orgs.). **A educação física no Instituto Federal de Minas Gerais: experiências docentes em tempos de pandemia**. Curitiba, PR: CRV, 2021.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 6. ed. Ijuí, RS: Unijuí, 2004.

LIMA, Iana Gomes; HYPOLITO, Álvaro Moreira. A expansão do neoconservadorismo na educação brasileira. **Educação e pesquisa**, v. 45, e-190901, 2019.

MACHADO, Roseli Belmonte e colaboradores. Educação física escolar em tempos de distanciamento social: panorama, desafios e enfrentamentos curriculares. **Movimento**, v. 26, e26081, 2020.

MAGALHÃES GOMES, Carlos Augusto. Trabalhando o MMA de forma remota: uma proposta de intervenção no campus Formiga. In: GOMES, Rodrigo de Oliveira; TAVARES, Marie Luce; SILVA, Adriana Bitencourt Reis (Orgs.). **A educação física no Instituto Federal de Minas Gerais: experiências docentes em tempos de pandemia**. Curitiba, PR: CRV, 2021.

MALDONADO, Daniel Teixeira; FARIAS, Uirá de Siqueira; NOGUEIRA, Valdilene Aline. Lendo o mundo nas aulas de Educação Física no ensino médio: por uma ecologia de saberes contra-hegemônicos sobre as práticas corporais e o corpo. **Caderno de educação física e esporte**, v. 19, n. 3, p. 1-8, 2021.

MALDONADO, Daniel Teixeira; RAZZÉ, Marina Kanthack Paccini. Educação física, promoção da saúde e integração curricular: o engajamento do estudante do processo educativo no IFSP. In: KAWASHIMA, Larissa Beraldo; GODOI, Marcos; MARTINS, Elias (Orgs.). **Educação física no ensino médio integrado da Rede Federal: compartilhando experiências**. Cuiabá, MT: EdUFMT Digital, 2021.

MALDONADO, Daniel Teixeira; SILVA, Maria Eleni Henrique; MARTINS, Raphaell Moreira. **Educação física escolar e justiça social: experiências curriculares na educação básica**. Curitiba, PR: CRV, 2022.

MALDONADO, Daniel Teixeira e colaboradores. Percepções de um professor pesquisador e de seus alunos e alunas sobre a educação física: uma pesquisa colaborativa. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 42, e2031, p. 1-9, 2020.

MANTOVANI, Thiago Villa Lobos; MALDONADO, Daniel Teixeira. FREIRE, Elisabete dos Santos. A relação entre saúde e educação física escolar: uma revisão integrativa. **Movimento**, v. 27, e-27008, 2021.



MEURER, Simone Teresinha; SILVA, Ludmila de Miranda Rodrigues. Possibilidades interdisciplinares para o esporte orientação no ensino remoto emergencial. In: GOMES, Rodrigo de Oliveira; TAVARES, Marie Luce; SILVA, Adriana Bitencourt Reis (Orgs.). **A educação física no Instituto Federal de Minas Gerais: experiências docentes em tempos de pandemia**. Curitiba, PR: CRV, 2021. p. 77-90.

MIRAGEM, Antônio Azambuja; ALMEIDA, Luciano. Potencialidades e limitações da educação física no ensino remoto: o efeito pandemia no componente curricular. **Movimento**, v. 27, e27053, 2021.

MOTTA, Vânia Cardoso.; FRIGOTTO, Gaudêncio. Por que a urgência da reforma do ensino médio? Medida provisória nº 746/2016 (LEI Nº 13.415/2017). **Educação e sociedade**, v. 38, n. 139, p. 355-372, 2017.

NEIRA, Marcos Garcia. **Educação física cultural: inspiração e prática pedagógica**. Jundiaí, SP: Paco, 2018a.

NEIRA, Marcos Garcia. A educação física nos documentos curriculares nacionais do ensino médio. In: MALDONADO, Daniel Teixeira; NOGUEIRA, Valdilene Aline; FARIAS, Uirá de Siqueira (Orgs.). **Educação física escolar no ensino médio: a prática pedagógica em evidência**. Curitiba, PR: CRV, 2018b.

NUNES, Mário Luiz Ferrari; RÚBIO, Kátia. O(s) currículo(s) da educação física e a constituição da identidade de seus sujeitos. **Currículo sem fronteiras**, v. 8, n. 2, p. 55-77, 2008.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. Práticas conservadoras no contexto escolar e autonomia docente. **Práxis educativa**, v. 15, e2015335, p. 1-18, 2020.

OLIVEIRA, Khalmel Gabriel Lima; MENDES, Diego de Sousa. Produzindo *podcasts* na educação física escolar: possibilidades e desafios durante o ensino remoto emergencial. **Revista novas tecnologias na educação**, v. 19, n. 2, p. 272-281, 2021.

POLITTO, Biana; MALDONADO, Daniel Teixeira. Educação física no ensino médio no campus São Paulo do IFSP em tempos de pandemia. **Revista de educação física, saúde e esporte**, v. 4, n. 1, p. 207-224, 2021.

RAMOS, Regiane Maria Soares. Desafios e ações de ensino no contexto não presencial: educação física, saúde e qualidade de vida em destaque. In: GOMES, Rodrigo de Oliveira; TAVARES, Marie Luce; SILVA, Adriana Bitencourt Reis (Orgs.). **A educação física no Instituto Federal de Minas Gerais: experiências docentes em tempos de pandemia**. Curitiba, PR: CRV, 2021.

SÁ, Katia Regina. Nas trilhas da educação antirracista: tematizando práticas corporais das culturas africanas e indígenas. In: GOMES, Rodrigo de Oliveira; TAVARES, Marie Luce; SILVA, Adriana Bitencourt Reis (Orgs.). **A educação física no Instituto Federal de Minas Gerais: experiências docentes em tempos de pandemia**. Curitiba, PR: CRV, 2021.



SILVA, Angélica Caetano; GERMANO, Vitor Abdias Cabót; MENESES, Nathalia Gaspar Perestrello. Educação física e saúde ampliada: relato de experiência de possibilidades pedagógicas desenvolvidas durante a pandemia da COVID 19. **Temas em educação física escolar**, v. 6, n. 3, p. 1-10, 2021.

SILVA, Mozart Linhares; FREITAS, Josí Aparecida. A Base Nacional Comum Curricular e a arte de governar a educação no Brasil. **Educativa**, v. 23, p. 1-20, 2020.

SOARES, Carmen Lúcia. **Educação física**: raízes europeias no Brasil. 5. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

SOUZA, Everton; BENITES, Larissa Cerignoni. A educação física no ensino médio integrado: análise de teses e dissertações defendidas em programas brasileiros de pós-graduação. **Research, society and development**, v. 10, n. 4, e11610413998, 2021.

TAVARES, Marie Luce. Intersecções de raça, gênero e sexualidade nas aulas de Educação Física: do tensionamento ao debate. In: GOMES, Rodrigo de Oliveira; TAVARES, Marie Luce; SILVA, Adriana Bitencourt Reis (Orgs.). **A educação física no Instituto Federal de Minas Gerais**: experiências docentes em tempos de pandemia. Curitiba, PR: CRV, 2021.

VENANCIO, Maria Aparecida Dias. O olhar experiencial de uma docente de Educação Física sobre o ensino remoto emergencial. In: GOMES, Rodrigo de Oliveira; TAVARES, Marie Luce; SILVA, Adriana Bitencourt Reis (Orgs.). **A educação física no Instituto Federal de Minas Gerais**: experiências docentes em tempos de pandemia. Curitiba, PR: CRV, 2021.

Dados do primeiro autor:

Email: danielmaldonado@yahoo.com.br

Endereço: Rua Antônio Fogaça de Almeida, 200, Jardim América, Jacareí, SP, CEP 12322-030, Brasil.

Recebido em: 07/02/2022

Aprovado em: 21/02/2022

Como citar este artigo:

MALDONADO, Daniel Teixeira; KAWASHIMA, Larissa Beraldo. Educação física escolar na rede federal em tempos pós-pândemicos e de reformas neoliberais. **Corpoconsciência**, v. 26, n. 1, p. 86-103, jan./ abr., 2022.